



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Casa do Gaiato do Porto

PAÇO DE SOUSA

Director, Editor e Proprietário

PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares

R. SANTA CATARINA, 628—PORTO



Enquanto emerge da terra parda, a «Aldeia dos Rapazes» dá pão, trabalho e alegria...

Relatório das Casas do Gaiato

Os nossos relatórios não são de algarismos, que nós não temos tempo de prestar contas a ninguém. O cuidado de as fazer bem feitas, muito exactas e muito poupadas, escritas nos livros particulares das nossas casas e ditadas pela nossa consciência, — esse cuidado, dizemos, dá muita canseira e furta-nos o tempo de fazer números.

Há um relato de obras, que não de contas. Muito temos que agradecer a todos aqueles senhores que nos confiam subsídios, auxílios, donativos, esmolas e por muitas outras e variadas formas nos ajudam, sem nunca nos chamar à pedra.

A notícia do que se fez durante o ano passado dentro da nossa organização, foi dada à estampa em o Boletim da Assistência Social. Era nosso desejo fazer uma separata de tudo quanto nêle se contém; mas nós somos pobres. A nossa obra é pobre. Poupar é a nossa divisa. De sorte que, aproveitamos o Gaiato para dizer aos quatro ventos do país, quem somos e o que desejamos. Ninguém estranhe nem se

escandalize com os métodos simples que usamos em casa, para curar as enfermidades dos nossos pequeninos, porquanto a criança é simples por natureza. Mais. Todos os pequeninos habitantes que moram debaixo das nossas telhas, são enfermos da alma.

Foi por uma maneira muito simples que eles contraíram estes males: — andavam sós pelos caminhos.

Da mesma sorte aqui hão-de topar a cura: — andar bem acompanhados. As ovelhas, as vacas, as flores, a beleza do campo e das matas, as estrelas no fundo negro dos céus, são as companhias que os hão-de salvar.

Estes elementos da natureza, usados e saboreados pelo pequenino das ruas, valem mais do que todos os tratados de pedagogia.

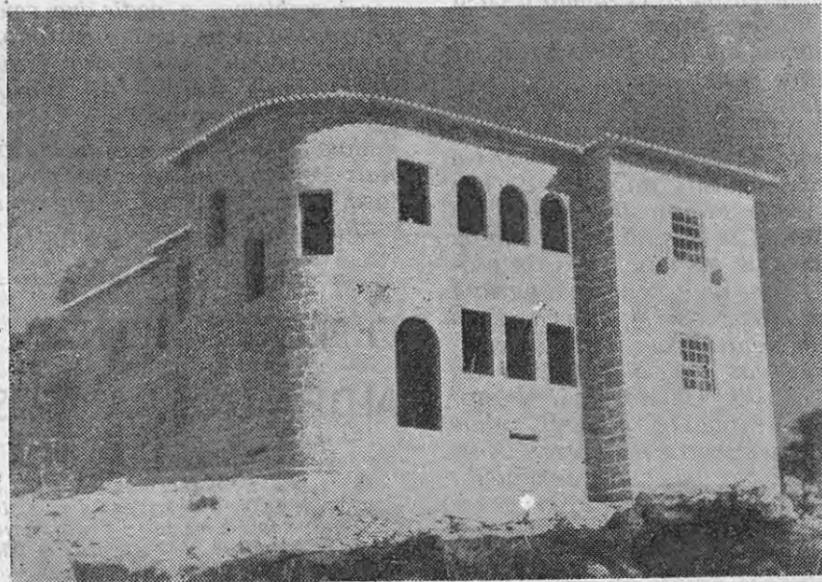
Nós queremos berrar ao mundo; pedir que nos leia e acredite. Ele é verdade que nada é novo debaixo do sol, mas há experiências novas. As Casas do Gaiato são essa experiência. O nosso relatório é uma afirmação.

Recado aos assinantes do jornal

Já estamos muito pertinho do número mil e só com um zero à direita é que começaremos a ficar contentes. O GAIATO não é lamparina; é luz. E' a palavra nova. Muitos dos que pedem assinatura, perguntam qual a melhor forma de pagar. A estes, respondo que por vale do correio, ou por cheque, ou por depósito no Banco do Espírito Santo, onde a CASA DO GAIATO tem conta aberta.

Aos que não perguntam nada, deixo aqui o mesmo recado e espera-se que o tomem como para si mesmo. E' uma obra de resgate, que importa e interessa a cada um dos subditos de Portugal. A Criança tem direito a ser protegida. E' uma dívida que se paga, não um favor que se faz. Se agradeço antecipadamente a atenção que me vais prestar, é só pelo muito que lhes quero, que não pelo favor que me rendes.

Escuta o meu clamor. Sai hoje mesmo à rua e líquida a assinatura. Não esperes pela noite nem queiras experimentar paz enquanto o não fizeres.



...e desabrocha em casas donairosas, que são os Ninhos de Amor da criança sem destino

PÃO DOS POBRES

Um dia, em um Hotel de Termas, vendia-se o Pão dos Pobres. Andavam pequeninos fidalgos com o livro, a pedir que lh'o comprassem. De entre a sociedade, que era tãda de elegantes, vi eu com os meus olhos que alguns davam a nota e afastavam o livro. Pois dava eu notas, para que eles o tomassem e lessem.

Mesmo coberto de oisco, o Pão dos Pobres é vida. Ora lê esta carta de Lourenço Marques:

Acabo de ver pela primeira vez um volume, o «Pão dos Pobres» cheio de pó, a um canto do escritório onde trabalho. Sou remediado, tendo apenas o que ganho com o meu trabalho. Desejo, porém, ajudar um pouco. Queria que uma criancinha pobre recebesse um auxílio mensal de 100\$00 (cem escudos). V. terá a bondade de responder-me já, para eu poder encarregar alguém de Lisboa de enviar mensalmente a pequenina esmola para onde V. disser, pois ela deverá ir ter às suas mãos por meio dum filho, ainda criança, que tenho a estudar na Capital.

A Caridade faz sangue e cura feridas!

Do que nós necessitamos

Mais de «O Comércio do Pôrto» 505\$00, mais 50\$00 na rua, mais uma carta com 100\$00, mais uma escova de dentes de Lisboa, mais uma de Pova de Varzim, mais uma de Vila Real de Santo António, mais uma deixada nos Clérigos, mais idem idem. Quanta simpatia não vai, nisto de mandar pelo correio a escova dos dentes, com o trabalho de escolher, comprar, expedir! Como o amor leva tão alto, as coisas mais pequeninas!

Mais 250\$00 de um visitante, mais mil ditos de um dito, mais dez contos de um outro visitante, para ajudar as despesas de «O Gaiato». Mais mil escudos numa carta entregue no Depósito, mais 50\$00 de Tondela, mais o dobro de S. João da Madeira, mais na estação de Coimbra, mais um envelope com 500\$00, mais no mesmo sitio 200\$00, e logo a seguir, já dentro do comboio, um senhor atira-me um masso de notas de cem. Mais 40\$00 nas ruas do Pôrto, mais 100\$00 deixados na igreja dos Congregados, mais 50\$00 de Mogadouro, mais 20\$00 do comboio, mais nas ruas de Coimbra o mesmo. Mais um piano. O apêlo que aqui se lançou foi colhido em boa antenna. O ceguinho de Miranda tudo merece. Não vai ter mais alegria, sim, mas, vai ocupar melhor a sua plena vocação. Bem haja meu senhor.

Se um dia fôr a Miranda, há-de ter ocasião de ouvir o côro dos antigos vadios da pedincha, inteiramente esquecidos do que foram, porque se sentem felizes. Quando vier ter um outro ceguinho à casa de Paço-de-Sousa, havemos de combinar aqui, de como há-de vir o outro piano.

Mais uma joia preciosa do século XVI. O Director da Escola Infante D. Henrique, quiz que eu dissesse coisas da obra da rua aos Professores e Alunos—e assim se fez. Um dos Rapazes juntou 400\$00 de tostões, entre os próprios Rapazes e foi dito que haviam de fabricar por si mesmos, nas oficinas da Escola, toda a ferramenta das futuras oficinas da «Casa do Gaiato». Ai Pôrto! Quam tarde te conheci. Mais 20\$00 por carta do Pôrto. Mais no Depósito, uma cama de madeira e um pacote de medicamentos e uma pancadaria de embrulhos, com coisas do arco-da-velha.

Ainda ninguém me respondeu à chamada das oficinas e da capela, os dois edificios a construir dentro da nossa «Aldeia». Os alunos da Escola Infante D. Henrique, fazem e oferecem toda a ferramenta. Estas obras têm de ser feitas. Para que nada lhes falte e sejam sempre moças. Não deixes cá vir o Estado senão somente como auxiliar, só e quando isso seja necessário. Olha as Misericórdias das nossas terras. Se de novo começam a ter vida, é o calor do Povo que a dá. Sê inteligente!

«A Aldeia dos Rapazes» há-de ser obra do povo, mórmente dos Portuenses. Havemos de trabalhar com a Nação, para a Nação,—mas sem a Nação. Ajuda-me.

Preciso de mais escovas de dentes, de camas de ferro e também queria algumas peças de pano para mandar fazer camurçines de verão. Já somos perto de 70.

Mais 50\$00 dos empregados da Vacuum, depositados no Banco; Mais 50\$00 e mais 20\$00 por carta. Mais um visitante do Pôrto, que chegou na 4.ª feira de Trevas em seu auto, entregando ele mesmo 10 contos e duas rósas de pão leve e duas grandes caixas de ovos tingidos e um grande cartuxo de amendoas e Ele mesmo também grande. O Depósito aproveitou a visita deste Amigo e fê-lo portador de mais uma caixa de ovos, e mais outra, e mais outra, e mais um pacote de roupas para o Domingos que faz anos, e mais um pacote de roupas, e mais 1 caixa de ovos, e mais duas idem, mais uma de ovos, com desenhos formosíssimos. Os garotos deliraram ao vê-los.

Mais 1 caixa de ovos, e mais uma, e mais uma; mais um pacote de ovos e calçado. Mais um de roupas. Mais um de ovos. Mais 1 caixa de lenços e ovos, prenda de anos do Luciano e do Constantino, acompanhada de duas cartas amigas, e do mesmo punho, uma dúzia de escovas de dentes, para os que não fazem anos. Deus o ajude, quem-quer que mandou coisa tão linda. Mais 40\$00. O 54 dos Clérigos, há-de ficar na história da Casa do Gaiato do Pôrto!

Mais de um outro visitante no mesmo dia, 30 quilos de bacalhau, 1 caixa de batatas, rósas de pão leve e doces.

Mais outra vez do Depósito, uma caixa de ovos tingidos, uma dita, mais outra, mais outra, uma idem, com dêles em pinturas belas, sendo um dos ovos pintados com o nosso emblema, a pedir que seja dado ao mais pequenino de todos os gaiatos. Foi. Mais 100\$00; mais 20\$00, mais 20\$00. Ai Pôrto, quam tarde te conheci.

Mais 300\$00 nas ruas do Pôrto, mais 20\$00 entregues em nossa casa, mais 50\$00 de Coimbra e continua.

O PROGRESSO NA ALDEIA DOS RAPAZES

■ A malta foi esta manhã para a estação de Cete, descarregar um vagão de telhas; não há memória de tal movimento na tradição destes povos a não ser, possivelmente, com as obras dos Mosteiros sítos nestas redondezas. Ele tem sido vigões de telhas, de cal, de cimento, de madeiras, de milho, de tudo, finalmente quanto a terra produz e os homens fabricam. Ultimamente vieram dois mil metros de tubos de fusille. Hoje mesmo, 2 de Abril, começou uma enorme brigada de homens a abrir caminho. A água do tempo dos frades, vai de novo fertilizar hectares de terreno que produziam preciosos frutos naquele tempo e depois dêles, silvas. Vamos igualmente ter água com abundância, para as nossas casas, para a nossa piscina, onde os rapazes possam alegremente chapinar e mergulhar, atirar água uns aos outros, fazer zaragatas e levantar aquelas adoráveis discussões donde nasce tanta luz e tanta espontaneidade, e que oferecem a nós, orientadores, preciosos campos de reconhecimento.

Os t abalhos da avenida marcham a todo o passo. Agora que são férias, os nossos rapazes ajudam com muito proveito para as obras e muita alegria para êles. A obra é dêles. Os mais pequeninos apanham vides da poda, que conduzem em pequenas feixes para o nosso lenhar. Eles gostam infinitamente de colocar à porta o produto do seu trabalho, e chamar para que a gente vá ver: — olhe o que eu trouxe.

ASSINATURAS PAGAS

D. Maria Amélia Nunes do Pôrto, de Coimbra 50\$00, Eduardo Gomes o mesmo, Maria da Glória Santos metade, Artur Rodrigues idem, Virgílio de Jesus Augusto idem, Manuel Caeiro Rodrigues 20\$00, Maria Fortunata Vidigal Pais metade, Maria Duarte Branquinho idem, Júlio Barbosa Alçada 50\$00, Francisco Cândido da Silva 20\$00 — todos da rainha do Mondego. Dr. António Correia, de Moimenta 50\$00, Lizardo Cardoso, do Pôrto 50\$00, Dr. Bento Matoso, da Figueira da Foz 25\$00, D. Carolina Matoso de Bencanta o mesmo, Francisco Wenceslau Ferreira, do Pôrto 40\$00, Augusto Campos, de Coimbra 20\$00 do primeiro semestre, D. Sofia Agrela de Lisboa 20\$00, Victorino A. da Costa Ribeiro do Pôrto 100\$00, Casa Piloto 50\$00, José Teixeira Bonito 30\$00, Dr. Jaime Bolhão o mesmo, Aurélio Oliveira Soares idem, Augusto M. M. Vilela idem, todos da capital do Norte. Mário Barbosa Braga de Gaia e José Dias Jacob da mesma terra e Lourenço da Cruz Magalhães do Pôrto, e Armando Vieira idem e A. Silva Lima idem e Raúl Lobão de Gondomar, cada um quis dar 20\$00. Maria Nobre do Pôrto deu 10\$00. José Moreira de Bessa da mesma terra deu metade. Aurora da Silva Castro do Pôrto, depositou no Banco Espírito Santo 30\$00; eis uma boa medida de pagar o Gaiato. Isto chama-se facilitar. S. V. F. de Lisboa 30\$00 igualmente depositados naquele Banco, em Lisboa. Muito bem. D. Duarte Francisco Manuel (Atalaya) de S. Martinho do Porto 24\$00. Também responderam os seguintes, todos do Pôrto—Anónimo 50\$00, idem 25\$00, idem 30\$00, Júlio Silva, 60\$00, Tenente Adolfo Veloso 50\$00; Manuel P. da Silva 30\$00, António Leite 25\$00; Maria Moreira 30\$00, António Macedo 25\$00, Virginia Devesas 25\$00, Virginia Costa 30\$00, Izabel F. da Silva 25\$00, Maria Estela Almeida 30\$00, Tenente Rogério Lima 50\$00, Acácio Pereira, metade. Joaquim Delgado do Fundão 20\$00. Sofia Regalão da Abrunheira 50\$00. Os seguintes senhores de Oliveira de Azemeis levantaram igualmente o dedo com 100\$00, Dr. Joaquim de Matos, o mesmo, Barbosa Ribeiro, metade, Dr. Correia Barbosa, idem, Dr. E. Soares dos Reis; e os Doutores A. de Campos Melo, e Tomaz António Fernandes também deram 5\$00 cada um. Manuel de Pinho e António José Monteiro, Manuel Ferreira Gomes idem; José P. da Silva e Urbano Barreto e Alberto N da Silva e Fernandinha Santos e Maria Candida C. Costa, 30\$00 cada; Alzira Marques 25\$00. Um viva aos de Oliveira de Azemeis. Helena Trindade de Coruche 20\$00, Maria Cândida Saraiva de Figueiró da Serra 50\$00, Vasco Jorge do Porto 20\$00, Maria Amélia Rabaça de Lisboa metade. Maria Clara da Cruz S. da Costa de S. João da Madeira e Maria Luiza da Costa Lima do Pôrto 25\$00 cada; Lucia Garrilho do Pôrto 30\$00; Sofia Ramos de Oliveira de Azemeis 25\$00, Joaquim Augusto Frade de Castelo Branco 25\$00, P.º Artur M. Moura de Sernache, 5\$00, Dr.º Agostinho de Carvalho de Paço de Sousa 40\$00, Luiza Saldanha de Vizeu 25\$00; Abel de Matos de Tondela 50\$00, Ester do Castro Fernandes de Lisboa 50\$00, Abade de Tsjões, 50\$00, D. Maria Peixoto e Cunha de Amarante 150\$00, Abílio Afonso e Manuel Verissimo, ambos de Chão-de-Couce 25\$00 cada, A. S. do mesmo lugar 40\$00, Alvaro Rodrigues A. Neves do Porto 50\$00, e Joaquim José F. d'Oliveira e José Guilherme Lemos Pacheco e José Cabral de Matos, todos Tripeiros, 20\$00 cada. Engenheiro Santos Silva da Capital 13\$00 e mais nove cavalheiros, amigos e propostos do mesmo simpático Engenheiro, também pagaram assinaturas a 24\$00, 25\$00, 30\$00, 40\$00 e 50\$00. Nada pêcos. Obrigado Engenheiro Miguel. Logo que eu vá a Lisboa, vamos ao *Chave d'Ouro*. Os Empregados da Secção de Registos de Lisboa, também querem assinar com dez escudos mensais, que pagaram. Sim; que todos me ajudem a levantar a bandeira branca. O Domingos do corpo de Enfermeiros dos Hospitais de Coimbra, é um grande amigo dos vadiozinhos das ruas Não se cança de me enviar listas de assinaturas pagas. Obrigado, Domingos As últimas são de doze nomes, num montante de 212\$50. E manda o vale para a estação postal de Cete, — para onde todos os vales deveriam ser mandados. José dos Reis Pereira 25\$00 e Angelo Madureira 30\$00, ambos do Pôrto. Artur Santos Junior do Pôrto, 50\$00. Alvaro Gonçalves idem, Dr. Joaquim Gomes Carneiro do Pôrto 30\$00, D. Zulmira Torres também do Pôrto 25\$00. Dr. Fernando Magano idem 10\$00. Cezario Marques de Figueiredo de Barraecos 25\$00, João Moutinho de Rio Tinto 40\$00, A. C. Pôrto 20\$00, Clavel do Carmo, do Pôrto 50\$00.

Nota da quinzena

Dois garotos de Lisboa, vendedores de pérolas, encontraram um colar de pérolas dentro das portas do Tivoli, e meteram-no na sacola dos jornais, inconscientes. No dia seguinte leram e souberam que a joia valia quatrocentos contos.

Parece ter sido de alguém que foi ao cinema, este colar de pérolas. Temos pois, que, nesta hora de tormentos, há gentinha que vai ver estrelas com 400 contos ao pescoço; — pandeiros no funeral!

Eu não quero bem a Holywood. Não posso. Desde que comecei a conhecer e a amar o garoto das ruas, tenho presenciado os estragos mortais na alma destes pequeninos, feitos por aquela cidade de papelão. Bom seria que a América fôsse só para os Americanos. Se êle é verdade que há restrições muito severas quanto ao comércio do opio, quanto mais severas deviam elas ser, contra o comércio do cinema. Mas vamos ao negócio. Os garotos escaldaram-se na notícia e foram imediatamente dar o seu a seu dono, que é a formula mais simples e mais moralizadora que o mundo tem.

Nós deveríamos todos estimar e valorizar a espantosa honestidade destes filhos de ninguém, verdadeiras pérolas da rua que também são mistério como as do mar, das quais ainda ninguém disse definitivamente, se são doença ou qualidade das ostras.

Senhora das pérolas, seja uma pérola. Guarde o seu colar, mas dê-me cento e vinte contos para construir mais uma casa dentro da «Aldeia dos Rapazes», e igual à que hoje se mostra aqui.

Ande lá minha senhora; dê por amor de Portugal. Dentro destas nossas casas, na vida da nossa aldeia, nós ensinamos o pequenino do bôco a conhecer o mal dos cinemas e a fugir dêle quando, mais tarde fôr homem. Mal sabe a senhora que o pequenino secretário a quem eu cito todos os números de «O Gaiato», é oriundo dessa cidade, onde foi grande amigo dos Tivolis e frequentador de calaboiços. Há mais de um ano que é meu e ainda não passou da primeira letra do difícil alfabeto de esquecer tudo quanto aí aprendeu, mas há-de esquecer e enojar-se. Ande lá minha senhora, por amor de Portugal. Aprenda dos farrapos da rua a lição de generosidade!

TELHADOS DE VIDRO

■ O Julio gosta de pôr alcinhas. Ao Carlos de Tabua, por ser alto e magro, chama-lhe o Girafa. Mas o Julio tem peladas na cabeça, que esconde com muita arte, sob os cabelos crescidos. Ora o Carlos, em paga, chama-lhe o pelado. Ele afina e ameaça. Um destes dias, mais atacado pelo Carlos, vem queixar-se à governante, furiosamente: — Oh minha senhora, o Girafa andava-me a chamar pelado!

Foi então que se chamou o pequeno à parte e se lhe disse amorosamente:

— Olha; não atires pedras aos outros, que tens telhados de vidro!

ESTE NÚMERO DE
“O GAIATO”
FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

Do que se diz e do que se faz na

Casa do Gaiato de Coimbra

CASA DE REPOUSO?

É um problema difícil de resolver, arranjar trabalho adequado para entreter as quatro dezenas de crianças desta Casa.

Varrer, esfregar o soalho, cozinhar, cozer o pão, apanhar erva, cavar, limpar as ruas, cuidar dos animais domésticos, etc. etc., — são as ocupações ordinárias, mas não trabalhos de todas as horas e de todos os momentos. É absolutamente indispensável dar que fazer a estes bracitos... Digo mais: é tão urgente dar-lhes trabalho, como é inadiável dar-lhes pão a horas certas.

Que fazer então?

Não há trabalho? Inventá-se.

Se o dia está bom, uns vão pelos campos apanhar pedritas que prejudicam a agricultura e podem servir nas construções de cimento; outros vão pelos pinhais colhem pinhas para o fogaço.

Se o tempo está chuvoso, forma-se uma coroa à volta do monte do milho para separar, grão a grão, o branco do amarelo.

Chega a hora do almoço, há apetite e alegria. Entretanto o encarregado volta a misturar o milho, e, depois do recreio, recomeça a tarefa.

A ociosidade é mãe de todos os vícios; o trabalho é pai de muitas virtudes.

CANTINHO DOS POBRES—:—:—

Não sei que coisa existe no mundo mais negra e triste que a escuridão. Nem a morte, talvez.

Dizem que a morte é negra. A côr ninguém lha viu, mas basta ser negra para não ter côr. A morte porém é clareira suspirada, quando a vida é reflexo da luz do Alto.

Trevas e só trevas é a vida, no antro escuro do Lojão. Trevas e sempre trevas ainda que cá fora, o sol brilhe com esplendor meridiano.

Por ali principiei a minha vida errante, feito fotógrafo da «Obra da Rua». Quería que todos vissem nas minhas películas as cenas que meus olhos contemplavam.

Desilusão completa! Nunca película alguma saíu impressionada. Perfeitas câmaras escuras aquelas habitações.

Ao ver o meu embaraço por falta de luz, uma dona da casa adianta-se: —quere que acenda o candieiro?

Bons tempos êsses, em que havia petróleo.

Ainda agora encontrei na Rua um dêsses pobres seres que por lá vivem. Trazia no rosto, e nuns restos de roupa, a marca de escuridão — como se a escuridão fôsse substancialmente concreto.

—Tenha dó de mim...

—Onde mora?

—No Lojão.

—Não diga mais. Tome lá.

Diz também tu o mesmo.

O TONITO

Voltou ao Hospital o nosso Tonito. Parece que veio ao mundo só para sofrer, esta criança. E bem precisa o mundo de vítimas inocentes, que por êle sofram e expiem seus crimes...

Desde os dois anos foi criado naquela casa. Lá o fomos encontrar deitando sangue pela bôca. Dali foi transferido para o Caramulo, a pedido do P.^o Américo. Voltou curado.

Na «Casa do Gaiato» passou os dias mais felizes da sua vida. Apesar de todos os mimos e cuidados, o mal voltou a declarar-se.

Ficou a chorar, no seu leito de dor que talvez seja também o da morte.

Mas está preparado para morrer, êste anjito.

A' saída do consultório médico, perguntei para o grupo que me acompanhava:

—Qual de vós é que quere morrer primeiro?

—Eu não, responde logo o Luís.

—E tu, Tonito?

—Se Nosso Senhor quiser, eu também quero.

É o flat heroico duma criança de nove anos.

UM PASSEIO

Para quebrar um pouco a monotonia da vida, aproveitam-se as tardes do domingo para dar um passeiozito pelas terras circunvisinhas.

Faz gôsto acompanhar os gaiatos para satisfazer as mil e uma perguntas que formulam e ouvir os freqüentes comentários dos espectadores.

—Que planta é aquela?

—É o linho.

—Olha como o linho é!...

E sôbre o linho, dá-se uma lição.

—Que terra é aquela que se vê lá em cima?

—É o Senhor da Serra.

—Vamos lá!

—Lá iremos, se se portarem bem!

Ao atravessar uma terreola, vem tôda a gente à janela.

—Donde são vocês, cachopos?

—Da Casa do Gaiato.

—Ai que ricos meninos! benza-os Deus!

E logo uma velhita acrescenta:

—Ai que asseadinhos, louvado seja Deus! Tão bonitos!

O passeio de certo domingo prolongou-se até à Escola Agrícola de Semide, instalada num antigo convento de monjas.

É um velho casarão que alberga algumas dezenas de rapazes, superiormente dirigidos pelos filhos de S. João Bosco. Acolhimento fraterno.

Os nossos miram e remiram. Não lhes escapa um pormenor. Pelo caminho comentam.

Comparam o monstruoso edifício que podia albergar um exército com a sua casinha de família, onde

todos os cantinhos tem uma aplicação e cada móvel o seu adorno.

Cada vez nos convencemos mais do acerto na escolha do nosso sistema de pequenas construções.

Francamente: o Gaiato não tem vocação monacal.

A tarde estava já no término quando começou a viagem de retorno. A noite surpreendeu-nos em meio do caminho.

Em determinada curva da estrada, alcançámos um velhito, que, apoiado no seu bordão, seguia no mesmo sentido.

Quería acompanhar-nos na marcha, mas as pernas recusavam-se. Afrouxámos o andamento mas o velhinho continuava a dar sinal de cansaço. E depois de alguns metros andados, vejo com grande surpresa, que o Adriano e o Zé Maria amparavam, um de cada lado, o trôpego caminhante.

E agora ouvi, senhores, a melhor lição dêste passeio. Aproximava-se o término da viagem.

O Velhinho suspira: —parem que não agüento mais. Senta-se num marco da estrada, limpa o suor, e, à luz das estrelas, rodeado de vinte e tantas crianças, começa em voz solene:

—Bendito seja Deus e a Virgem Santíssima, pela caridade que me fizeram. Sejam sempre bons, meus meninos. Estou velho e nunca me arrependi de ser bom para todos.

Já falei com a minha patroa e combinamos em deixar os nossos bens à Santa Casa do Sr. P.^o Américo...

Para quem será esta lição do velhito do Carapinhãl?

O QUE NOS TRAZ O CORREIO

20 escudos da Louzã, entregues ao Freitas que foi distribuir «O Gaiato» na sua terra natal. «Quem te via e quem te vê», dizia alguém.

100 de Seia, «para os operários» mais «pobres, em honra de S. José». 25 de uma pobrezinha que tem muito amor à «Obra» e deseja que N. Senhor a abençoe e multiplique.

20 da Louzã, confiados ao mesmo ardina.

15 de Coimbra, de mais um sócio subscritor.

20 para celebrar uma Missa em acção de graças.

20 de Coimbra, para agradecer o «Gaiato» que nos deu no Hospital.

Do Seminário, veio-nos uma trouxa de roupa do Snr. Cónego Nogueira. Não esperou pela morte para distribuir os seus haveres pelos pobres. Por isso a sua memória é abençoada. Nunca os ladrões nem a traça assaltaram ou destruíram a sua fortuna, que estava bem guardada no banco da pobreza.

O que resta é apenas uma reliquia da virtude que sempre irradiou.

Mais mil escudos de Angra do Heroísmo, 50\$00 de Coimbra, 500\$00 da Auto-Industrial, 50\$00 no Hospital de Coimbra.

UMA DADIVA MUITO SIMPATICA

A jóia de que em outro lugar se fala, é um anel antigo com 18 diamantes, formosíssimo. Mais formosa é a dedicatória:—o meu noivo oferece aos Gaiatos.

Não sei quem é. O maior valor destas oferendas, está precisamente no esconder da mão. Quem quer que êste senhor seja, dá no começo da vida. Dá quando vai fazer casa e de tudo necessita. É uma dádiva rial, simpatisante, amorosa, viva. A maior parte dos afortunados deixa, não dá. A's vezes lê-se nas gazetas, que certas agências funerárias recebem missão de distribuir aos pobres legados de quem deixa. Querer tirar da vida a morte! Sim, deixa. Deixar não é dar.

Este noivo, não. Dá em vida, no começo da vida, distribuído pela mão da noiva, esperança da sua vida. Assim, sim.

Não anda aqui agente de caixões, nem cheiro de funeral. A esmola é vida e vivifica. Dá hoje. Reparte agora. Goza os teus Bens.

Aqui há tempos, em uma das nossas cidades, um argentário lastima-se amargamente dos seus dias tenebrosos e sem paz. Nunca nenhum prégador dos púlpitos sublimou tanto a vacuidade do dinheiro como êste probrezinho o fêz, sem dar por ela.

Conversámos. Eu animei. Quis ser otimista; a caridade não julga mal de ninguém. A' despedida, êle pede-me que reze para que o comunismo não venha.

—De que vale, se o senhor reza para que êle venha!

Goza tu os teus bens.

P. S. — Pouco tempo depois da entrega da jóia à governante do Lar dos Pupilos dos Reformatórios de Coimbra, apareceu um cavaleiro a declarar à mesma senhora, que muito desejaria ficar com a dita jóia por causa do seu valor estimativo; e que cobriria qualquer lance.

Deixou nome e número do telefone. Ora eu tenho medo que êste senhor seja o próprio noivo e sendo assim, mal me fica vender. Antes quero entregar, a troco de qualquer donativo. Que este senhor me ponha à vontade.

O VALOR DUM ARCO

■ O arco é actualmente a grande moda na Casa de Paço de Sousa. Como o Luciano é ajudante de Ferreiro e anda nas melhores relações com a máita, esta faz tudo para lhe merecer o favor do desejado instrumento, que ele fabrica nas horas vagas. O creado de dentro tem um. Os cozinheiros, igualmente cada um o seu.

Ora acontece que no convento onde ora habitamos até se mudar para a «Aldeia», — tudo é imensidade, e os rapazes aproveitam-na, para lançar o arco. Nos corredores, no refeitório, na cozinha anda o arco. Há dias estava eu na sala que faz de visitas, com alguém de fora. Toquei a campainha pelo creado. Ouvi-se imediatamente um silvo ao longe e o rodar de um arco. As abobadas dos corredores aumentam o ruído. A visita, assustada, quere saber.

—Pronto!
Era o garoto à espera de ordens, apumado. A visita soube.

Notícias Diversas

A nossa Capela CARTA DE LISBOA

CASA DO ARDINA

O cozinheiro de Miranda, veio a Paço-de-Sousa com três dias de férias, muito bem merecidas. Ficou o ajudante no seu lugar. Saiu de Miranda no comboio das 8. Em Coimbra, tomou o das 10 e no Pôrto, para Cete, tomou o das 18,30 — para falarmos do tempo como agora se marca. Viajou só. Na estação de Cete, tinha o Sérgio e o Pepe e o Lisboa, trez antigos companheiros de Miranda, que o receberam na gare com palavras e abraços espumantes. Chegado que foi a casa, mais abraços, mais palmas, mais vivório; é um irmão que traz notícias dos irmãos.

O Velho, que assim se chama o cozinheiro, pediu o arco ao Amadeu de Elvas e durante os dias de férias, correu a quinta e a mata, glorioso e triunfante. Ouviu o cuco mat-la poppa, que em Miranda não aparecem. Viveu os minutos das horas que esteve conosco, foi-se embora com saudades e deixou saudades.

Quem há-de dizer, que este simpático rapaz, ainda em idade de tocar o arco, faz e dá de comer a uma comunidade de 35 garotos da rua!

Ele é meu desde muito pequenino; a Mãe deixou-me em testamento, num catre do hospital. Foi uma heroína de silêncio e de resignação.

Chegou há dias mais um, que é o nosso Benjamim. Anda na mão de todos, como o pão branco das feiras. Há disputas sobre quem o há-de vestir e lavar. O Chico, pouco maior do que ele, tráz-la para o refectório às cavaleiras.

O Camilo foi castigado; terrivelmente castigado, porquanto, sendo dos mais velhos e dos mais antigos ainda é muito preguiçoso e todos os argumentos lhe servem para fugir ao trabalho.

O qual castigo é o deixar-se ficar no campo a trabalhar, quando os mais respondem ao toque da merenda. É a regra de quem não trabalha não come. O Chefe mandou uma deputação de tres subditos com recado de que o Camilo já trabalhe e a solicitar que o castigo seja levantado. Sim. Será a seu tempo.

O «Pardal-sem-rabo» é do Pôrto e veio do Albergue. Com 11 anos de idade, já fazia vida à parte e comandava muita escolhida nas ruas; tinha o seu quarto arrendado! Por algo se interessava imensamente por ele, o Comandante Namorado, e quiz, que o Pardal fosse o primeiro a vir.

Testa rasgada, olhar penetrante, inteligentíssimo, — o rapaz parece ter sido talhado para mandar.

Entre nós, morre por mandar. Quando se fala em eleger um chefe, Pardal assoma — eu! Se mandamos um grupo para os trabalhos, Pardal acode — eu comando! Quando chega algum de novo, Pardal, que não tem ofício justamente por querer mandar, apresenta-se diante do recém-vindo como se os tivera todos. Ora há, dias chegou o David. Pardal apresen-

ta-se a inspecionar como a cama fôra feita e nota que estava molhada... Chama o catraio a contas, mas ele não lhas acelta e daí a nada andavam aos sopapos debaixo da cama espumante de raival. A gente deixa-o sofrer estas terríveis humilhações, a ver se com elas ele se cura. Quem quer mandar, não sabe mandar.

Quem é o David? Um pequenino de 10 anos, da cidade do Pôrto, que conta por si mesmo a sua história: — «a minha Mãe fugiu com um homem, o meu Pai endoideceu e eu fiquei sózinho».

Senhor dos Céus! Deus escondido que tudo sabes e tudo revelas; debaixo das nossas telhas, nós guardamos as histórias mais pungentes e mais humanas, que o céu de Portugal alumia! Nos nossos dormitórios, embalamos com lágrimas de ternura, as tragédias cruciantes da pobre humanidade. «O Gaiato» pede ao mundo que seja melhor; que seja mais sobre; que seja mais compadecido.

Satram os nossos pequeninos visitantes do pobre, no sábado derradeiro, conduzindo em pequenas sacas um merendeiro de cada um, tendo eles mesmo merendado antes. O António de Celorico levava um arco, sinaj certo de que seria o primeiro a regressar. Sim Merendeiro. Sim Merenda. Palavras portuguesas, dentro duma obra portuguesíssima, pard portugueses. Nós repudiamos o lanche e a lancheira. Palavras nossas. Metodos dos nossos. Doutrinas nossas. Eu cuido que muito pouco se lucra, com o ir ao estrangeiro buscar a maneira de realizar. Salazar nunca lá foi. Ou nós não somos os homens que deram ao mundo novos mundos?

As nossas ovelhas não morrem de furtas, porque elas mesmas têm o cuidado de não comer tudo quanto lhes dão. São sobretudo os mais pequeninos, que atemam a fazer bicha para o curral, depois de apanhar nos campos tudo quanto lhes parece que elas devem gostar.

Aviso muito importante

Aparece de quando em vez à porta das nossas casas, o garoto dos caminhos tismado e andrajoso, a dizer que quer ficar. Fica.

As casas são para ele. Mas aparecem outros das ilhas do Pôrto, com recado do senhor ou da senhora que os mandam cá vir ter.

Ora assim não está certo. Estes tais voltam, não pelo mesmo caminho, pois que vêm a pé e a gente

manda-os de comboio, — mas regressam.

Não pode; não deve ser. A desordem aparente das nossas casas, tem um nadinha da Ordem do Universo; é desigual, sim, mas supõe uma inteligência a governar.

Não valem cunhas nem rasteiras. Nós não podemos ir além do limite das nossas possibilidades.

Não temos leitos nem espaço, por enquanto.

Esta angústia de entrar, é um sinal dos tempos e um aviso às consciências.

O povo pede um sinal de como e quando há-de acabar a Guerra, mas ela não termina nunca, — enquanto houver uma criança no mundo sem abrigo e sem pão.

Por mais discursos, por mais audacias, por mais canhões, — nunca meus senhores. Nunca!

Quem será alguém do Pôrto, muito amigo do jornal, que nos tem arranjado imensas assinaturas, e hoje anuncia haver entregue 5.000\$00 no «depósito» dos Clérigos, de outro alguém, para as fundações da capela?! Com esta pedra de valor, vem outra igualmente preciosa, de S. João da Madeira. Ei-la:

«Sou mãe de quatro filhinhos que Deus me quis dar rodeados de conforto e penso quam grato me seria se, sendo impossível dar-lhes este bem-estar, alguém se lembrasse, de os acariciar, matar a fome, e outras coisas boas de que essa obra é constituída». Vamos fazer a capela. Os leprosos do P.º Damião, não se livraram do mal depois que aquêlê sacerdote quis morrer no meio dêles leproso como êles, para ser em tudo irmão dêles.

Não se curaram do mal, sim, mas encontraram um bem melhor, dentro da capela que o «Leproso» construi na ilha de Malokai.

Ora nós havemos de curar os nossos pequeninos leprosos, que a lepra da alma tem cura. Sim; havemos de os curar. Mas sem capela — «não». Vamos começar a obra. Venham pedras!

OBRA DA RUA

Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes

realmente sido ocupada em primeira mão por rapazitos fracos, recrutados nas zonas do pobre.

Era trabalho das nossas mãos. O médico examinava. O catraio seguia. A cura fazia-se num instante, com banhos de sol em cordilheiras de leite. Alguns vinham ali tomá-lo pela primeira vez em sua vida; era um delirar.

O Zezito Teixeira, depois de levar ao fundo a malga, grita de contente: — Ai que vocemecê tem uma cara tão bonita!

Um outro, a fumar de contente, trepa à mesa, dá-nos um beijo na face e revela:

— A gente em casa não toma leite!

Já não podia ser por mais tempo Preventório o que estava talhado para ser Casa do Gaiato. Ninguém tinha alma de mandar embora o pequenito curado. Mudou-se de opinião.

Alargou-se a Obra para receber mais gente, que era justamente o problems. Comprou-se uma casa con-

tigua, pela morte do seu dono. Mais outra anexa, por troca. Um terreno para construir a nossa capela. Igualmente outro de cultura, para dar que fazer.

Instalámos luz. Fomos buscar água a meio quilómetro. Tratou-se de gados, de alfaias, de ferramentas. Pedimos um posto de ensino ao Ministro da Educação Nacional. Doia-nos a sorte da criança abandonada.

O número de habitantes sobe; no fim do ano eram uns dezóito. Casa de Repouso, Preventório, projectos iniciais — tudo foi riscado. Acabou-se o repouso do doente, a tosse, o termómetro, as injeções, a vigilância; tudo quanto marcava, enfim, a papeleta dos Dispensários de Coimbra. Diante da maravilha do leite e do sol, perdemos toda a confiança no saber dos médicos, sem perder nada do respeito que lhes devemos.

Ao raiar do segundo ano outras

normas se adoptaram, fruto de experiências colhidas no primeiro. E' o vadio que chega para ser um trabalhador, e não um doente. Quer venha pelo seu pé, quer roubado por nós à vadiagem, ou ainda apresentado por quem nos merece crédito — olha-se para o rapaz como um doente da alma e como tal se trata.

Nos primeiros dias é hóspede. Mira. Pergunta. Manifesta-se. Os que estão, não aprendem nada do que êle ensina. Vem das ruas. Mas ensinam-lhe tudo quanto sabem, para que não volte para a rua. Cêdo termina a hospedagem. No fim de uma semana, marca-se-lhe obrigação. Entra no regimento.

E' necessário ter-se confiança e medo na influência do rapaz junto de rapaz. Não vá o educador da fauna da rua cair no êrro de supor que êle quem faz tudo. Um caso: appareceu-nos um vadio de 16 anos, fugido de uma cadeia. Era simplesmente hediondo. Pede para entrar e ficar. Enquanto espera, chama-se de parte o nosso pequenino «Mestre de Moral». Previne-se. Denuncia-se o perigo do fugitivo das prisões. Deixamo-lo entrar na comunidade. Pois hoje é trabalhador número um! Influência de rapaz junto do rapaz.

Continua.

REDACÇÃO

Casa d

P A C O

WWW

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W

W